

## **Resenha** ***Pourquoi Lukacs, de Nicolas Tertulian*<sup>1</sup>**

Jean-Pierre Morbois<sup>2</sup>

TERTULIAN, Nicolas. *Pourquoi Lukacs*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2016. 382 p.

Especialista mundialmente reconhecido no filósofo marxista húngaro de língua alemã György Lukács (1885-1971), com quem se reuniu frequentemente de 1965 a 1971, Nicolas Tertulian nos oferece um denso volume no qual explica, em uma espécie de autobiografia intelectual, suas conexões com um autor que permanece insuficientemente editado e conhecido na França, ou circunscrito às suas obras de juventude.

Este livro é importante para o autor porque coroa sua longa carreira de ensaísta e professor, em Paris, na École des Hautes Études de Sciences Sociales (EHESS). Nicolas Tertulian certamente escreveu muitos artigos dedicados a Lukács, mas eles estão dispersos em vários periódicos e hoje merecem ser reunidos em uma coletânea<sup>3</sup>. Apenas um livro, esgotado há muito tempo, foi publicado em 1980: *Georg Lukács: Etapas de seu pensamento estético* (TERTULIAN, 1980)<sup>4</sup>.

Nicolas Tertulian nasceu em 1929 na cidade de Iasi (Romênia), em uma comunidade judaica que, a partir de 1938, foi objeto de perseguição e de *pogroms* pelo regime fascista (mais de 10.000 judeus, incluindo vários membros de sua família, foram assassinados durante o grande *pogrom* de Iasi, no final de junho e início de julho de 1941). Após a guerra, seus estudos de filosofia o levaram ao jornalismo, à crítica literária e depois ao ensino da estética. Interessou-se pelos trabalhos do filósofo e esteta Benedetto Croce (1866-1952) e de György Lukács.

O livro se abre com um capítulo intitulado “Em busca do verdadeiro Marx”, que evoca a posição dos intelectuais marxistas nos países do Leste europeu, a crescente contradição com a ideologia oficial feita de materialismo vulgar, esquematismo e voluntarismo subjetivistas, seus

---

<sup>1</sup> Publicada originalmente na revista *Europe* n. 1.063-1.064, nov.-déc. 2017. Tradução de Ester Vaisman.

<sup>2</sup> Ensaísta e tradutor especializado nas obras de Lukács, foi aluno de Nicolas Tertulian. Ele vem tentando, nos últimos dez anos, atenuar a falta de tradução para o francês das obras de György Lukács. Mantém o *blog* <<http://amisgeorglukacs.over-blog.com>>, em que são publicados muitos textos que não encontraram editor. *E-mail*: jean-pierre.morbois@orange.fr. [Nota do tradutor – NT]

<sup>3</sup> Sob o título *Lukács e seus contemporâneos*, a editora Perspectiva (São Paulo) publicou uma coletânea com vários textos de Tertulian (2016) sobre o assunto. Nela, há tanto textos inéditos quanto já publicados. [NT]

<sup>4</sup> Traduzido e publicado no Brasil sob o título de *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético* (2008) pela editora Unesp (São Paulo). [NT]

êxitos parciais na publicação de certos livros, mas acima de tudo o ostracismo, a marginalização e a perseguição tingida com antissemitismo que eles sofreram e que levaram muitos deles ao exílio, como o próprio Nicolas Tertulian em 1981.

Com Lukács, de fato, encontramos a verdadeira filosofia do materialismo dialético, livre de suas falsificações stalinistas, de qualquer mecanicismo e de todo determinismo absoluto. Nele, a subjetividade humana ocupa o lugar que merece, o da intencionalidade que sustenta toda atividade humana (mesmo que nunca tenhamos certeza de que os resultados das ações estejam de acordo com as metas almejadas). Encontramos um marxismo autêntico que busca compreender a realidade em sua gênese, seu desenvolvimento, sua estrutura dinâmica; um marxismo que faz da realização da pessoa humana, em condições cada vez mais dignas de si, um objetivo possível e desejável.

Essa pessoa humana, sublinhemos, não é um indivíduo solitário, é um ser eminentemente social, envolvido em múltiplas relações, e sua socialização, longe de ser um obstáculo para o desenvolvimento de sua personalidade, é, pelo contrário, uma condição. O conceito de *Gattungsmäßigkeit* [conformidade à espécie, generidade], a ideia de um gênero humano que está se tornando cada vez mais consciente de si, um gênero humano por si, é central no pensamento de Lukács. Pode-se dizer que, contrariamente às visões de L. Althusser (1918-1990), que há muito tempo determina o pensamento marxista na França, o marxismo que ele professa é um humanismo historicista.

Reivindicando plenamente sua afiliação às filosofias racionalistas do Iluminismo e a G. Hegel (1770-1831) – em seu livro *O jovem Hegel* (1985)<sup>5</sup>, Lukács enfatiza, contrariamente aos preconceitos comuns na era stalinista, os aspectos progressistas de seu pensamento –, este marxismo se afirma também nos confrontos com a filosofia moderna e contemporânea. G. Simmel (1858-1918), S. Kierkegaard (1813-1855), F. Nietzsche (1844-1900), a Escola de Frankfurt, George Steiner (1929), M. Heidegger (1889-1976), bem como J.-P. Sartre (1905-1980), M. Merleau-Ponty (1908-1961) e muitos outros são mencionados. Nicolas Tertulian pôde conversar com alguns deles, e assim dedicou capítulos de seu livro a seus encontros com Heidegger, Hans-Georg Gadamer (1900-2002), E. Cioran (1911-1995) e Herbert Marcuse (1898-1979) (no capítulo sobre Maio de 68, a propósito de seu projeto de escrever uma estética).

A arte é precisamente uma das atividades em que o ser humano pode expressar sua personalidade em toda a sua plenitude. Daí a

---

<sup>5</sup> A primeira tradução brasileira desta obra já se encontra no prelo e será lançada pela editora Boitempo em novembro do ano corrente, somando-se à coleção Biblioteca Lukács [NT],

importância que Lukács atribui à estética. O primeiro capítulo de *A particularidade do estético* (LUKÁCS, 1966, pp. 33-146) mostra como, desde os tempos pré-históricos, os modos de reflexo da realidade – o conhecimento científico, por um lado, as expressões artísticas, por outro – foram gradualmente se separando e se desenvolvendo a partir da imediaticidade da vida cotidiana. A *Estética* de Lukács se distingue resolutamente do romantismo (um capítulo lhe é dedicado), que critica a modernidade de uma perspectiva nostálgica; também do naturalismo, que descreve superficialmente a realidade; assim como do *vanguardismo* e dos estereótipos da arte oficial stalinista. A *Estética* busca o “grande realismo” para o qual H. Balzac (1799-1850) e Thomas Mann (1875-1955), entre outros, oferecem os modelos. Nicolas Tertulian também desmistifica a ideia de que o Naphta de *A montanha mágica* (MANN, 1953) seria o retrato de Lukács.

Ao explicitar a coerência latente do marxismo, Lukács surge como o autor de um dos últimos sistemas filosóficos. “Ele acabou por edificar uma grande construção especulativa, baseada nas premissas de Marx, que inclui não apenas um tratado sobre estética, mas também uma ontologia do ser social situada no prolongamento de uma ontologia da natureza, bem como os lineamentos de uma ética.” (TERTULIAN, 2016, p. 354)

### **Referências bibliográficas**

LUKÁCS, G. *Estética: la peculiaridad de lo estético*. Trad, Manuel Sacristán. Barcelona: Grijalbo, 1966.

\_\_\_\_\_. *El joven Hegel y los problemas de la sociedad capitalista*. Trad. Manuel Sacristán. Barcelona: Ed. Grijalbo, 1985.

MANN, Thomas. *A montanha mágica*. Trad. Herbert Caro. Porto Alegre: Globo, 1953.

TERTULIAN, Nicolas. *Georges Lukács. Étapes de sa pensée esthétique*. Paris: Le Sycomore, 1980.

\_\_\_\_\_. *Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético*. Trad. Renira Lisboa de Moura Lima. São Paulo: Ed. Unesp, 2008.

\_\_\_\_\_. *Lukács e seus contemporâneos*. Trad. Pedro Corgozinho. São Paulo: Perspectiva, 2016.

Como citar:

MORBOIS, Jean-Pierre. Pourquoi Lukács, de Nicolas Tertulian. Trad. Ester Vaisman. *Verinotio – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*, Rio das Ostras, v. 24, n. 2, pp. 253-255, nov. 2018.

Data de envio: 4 ago. 2018  
Data de aceite: 15 set. 2018